



## **Pesquisa em comunicação e cultura na Amazônia: mapas de investigação na abordagem do jornalismo de Rondônia<sup>1</sup>**

Sandro Adalberto Colferai<sup>2</sup>

Universidade Federal de Rondônia - Unir

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

### **Resumo**

Este artigo discute a constituição de mapas para a pesquisa no campo da comunicação em sua intersecção com o da cultura. Para isso apóia-se nas reflexões de Stuart Hall, Richard Johnson e Nick Couldry, autores ligados aos Estudos Culturais, e no Mapa das Mediações, organizado por Jesús Martín-Barbero, que leva em conta as particularidades latino-americanas. Ao mesmo tempo assume-se o Mapa das Mediações como base para propor um circuito de investigação em comunicação e cultura, tendo como objeto as sociedades amazônicas, em especial a rondoniense.

**Palavras-chave:** Comunicação; cultura; Estudos Culturais; jornalismo; Amazônia.

### **Introdução**

A pesquisa em comunicação, especificamente acerca de questões localizadas na intersecção entre comunicação e cultura, exige um posicionamento claro por parte do investigador e, em função disso, a tomada de um método que possa – se não dar conta – chegar o mais próximo possível de uma tradução das diferentes nuances que permeiam este campo em toda a sua envergadura, e neste recorte em particular. É preciso ter claras as especificidades do objeto proposto e a abordagem que será levada a efeito, instâncias fundamentais para a construção da pesquisa e busca por resultados.

O objeto que temos em mente é Rondônia, e as relações culturais aí estabelecidas sobre o pano de fundo da imigração, situação que se complexifica quando colocado em perspectiva o percurso histórico da população do estado até a sua atual conformação. A simples aplicação de modelos pré-concebidos parece ser problemática quando o objeto de atenção tem nuances tão particulares que saltam diante do investigador e se convertem elas próprias no principal ponto de interesse. Estas nuances podem ser o contexto sócio-histórico, as características sócio-culturais daí advindas, ou mesmo a forma como ambos são compreendidos e como se dão as articulações entre o contexto e as características culturais. De qualquer maneira, há a necessidade de se buscar solução específica para o objeto de estudo, um percurso de investigação que consiga oferecer condições para a apreensão das relações deste objeto em seu contexto.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, no VIII Intercom Norte, em Porto Velho-RO (18 a 20 de junho de 2009)

<sup>2</sup> Professor do curso de Comunicação Social/Jornalismo, na Universidade Federal de Rondônia – Campus de Vilhena; mestrando em Comunicação Social na PUCRS; membro do Grupo de Pesquisas Mapa Cultural de Rondônia. (sandrocolferai@hotmail.com)



Busca-se, então, a mais adequada forma de abordagem das questões culturais pertinentes a uma sociedade de formação recente, permeada pela experiência de intensa imigração, o embate entre diferentes representações e, conseqüentemente, de identificações contraditórias, uma vez que ocorreu o brusco contato entre práticas culturais distintas. Uma possibilidade é fazer a investigação através dos textos de mídia e cultura.

## Texto

A opção por abordar questões sociais a partir da análise dos textos postos em circulação num dado contexto é aqui privilegiada, mas não se assume a análise do texto em si como suficiente, posto que ele deve ser encarado em suas ligações com o contexto sócio-histórico em que é produzido. Os textos, nas suas diferentes formas, são assumidos como uma das instâncias de investigação, articulados com outros momentos, postos em primeiro plano os ingredientes simbólicos deles advindos. Este posicionamento é explicitado já nas abordagens propostas por Raymond Williams e Richard Hoggart<sup>3</sup> na década de 1950. Rejeita-se a idéia de privilegiar a análise dos textos legitimados por um cânone, alocados no bojo dos que “vale a pena estudar”. Assim, a partir da segunda metade do século XX, se estende a noção de texto e tornam-se legítimas as preocupações com produções realizadas pelos meios de comunicação, e as práticas simbólicas das classes populares e de grupos juvenis, por exemplo.

Por Texto<sup>4</sup> Nick Couldry entende “[...]um complexo de significados interrelacionados que seus leitores tendem a interpretar como um todo distinto e unificado”<sup>5</sup>(2000, pp. 70-71). Assim, o texto é encarado como um objeto aberto, com toda uma gama de significações acionadas a partir de determinada leitura, seja pelo conhecimento prévio do “leitor”, seja pela ligação que se faz com outros “textos”, e não como objeto fechado sobre sua própria estrutura. O conceito de texto então solta as amarras que o mantiveram como um objeto lingüístico e pode ser encarado a partir das mais diferentes formas significativas (camisetas, filmes, brinquedos, por exemplo).

A isso, Couldry liga a noção de *textualidade*, esta fundamental, uma vez que o Texto não deve ser tomado como ponto de partida para a investigação, mas os

---

<sup>3</sup> A referência aqui é aos textos tomados como fundadores dos Estudos Culturais: *Culture and Society* (1958), de Raymond Williams; e *The Uses of Literacy* (1957), de Richard Hoggart (ESCOSTEGUY, 2001, pp. 21-22).

<sup>4</sup> A partir daqui a opção é por apresentar o termo grafado com maiúscula, de forma a diferenciar textos impressos, de Textos, os “complexos de significados interrelacionados”, de que trata Couldry (2000).

<sup>5</sup> “[...]a complex of interrelated meanings which its readers tend to interpret as a discrete, unified whole” (tradução minha).



significados por ele acionados. Como *textualidade*, então, compreende-se a maneira como os diferentes Textos são encarados pelas audiências, seja na forma de recebê-los ou mesmo nas relações feitas a partir deles. É o que ocorre, por exemplo, com os textos colocados em circulação sob a forma de filmes ou revistas. Enquanto no cinema admite-se que o espectador ficará nele concentrado até o final, na leitura de impressos reconhece-se que pode haver atenção fragmentada. De qualquer forma o que interessa saber, em ambos os casos, é sob quais convenções esses Textos são “lidos”, e por quem? Aí liga-se à noção de *textualidade* a idéia de *intertextualidade*, pois os leitores acionam todo um repertório prévio sob o qual têm conhecimento sempre que são colocados em contato com um novo Texto. Como destaca Couldry, dar conta das questões que envolvem *textualidade* e *intertextualidade* requer ir além de questões subjetivas, e estar atento às “operações reais do campo textual contemporâneo”<sup>6</sup>(p. 72).

Num contexto em que uma gama cada vez maior de Textos é oferecida, numa profusão nunca antes vista, estratégias são desenvolvidas pelos “leitores” a fim de selecionar onde deverá centrar atenção. Mas, quais são estas estratégias e de que forma são colocadas em ação? Para pretender uma resposta é preciso levar em conta o universo de textos potencialmente legíveis. Couldry aponta, também, para outra questão que nos parece fundamental diante do objeto que se tem em vista aqui: como fazer análise textual diante de uma enorme proliferação de textos? O objeto de estudo não deve ser um conjunto determinado de textos, mas todo o ambiente textual, como funciona e como ocorrem as negociações dos leitores diante dele. O descentramento da noção tradicional de texto é fundamental para a leitura proposta: “Ao invés do texto ser fonte de certeza, tornou-se o lugar de um enigma, ou pelo menos de cuidadosa exploração”<sup>7</sup>(p. 87).

É a partir desta posição que deve-se tomar os textos de jornais impressos em circulação em Rondônia para o estudo dos mecanismos acionados para a legitimação dos complexos de representações identitárias. Os textos de jornais impressos, nesta perspectiva, são tomados a partir dos contextos social, histórico e cultural sob os quais foram produzidos.

### **Tomada de posição**

A apreensão de todo o ambiente textual leva à necessidade de se obter uma visão

---

<sup>6</sup> “[...] actual operations of the contemporary textual field” (tradução minha)

<sup>7</sup> “Instead of the text being the source of certainty, it has become the site of an enigma, or at least cautions exploration” (tradução minha)



ampla do objeto que se pretende abordar. Não se trata de tarefa simples, pois qualquer olhar sobre um todo requer a compreensão dos complexos sobre os quais se organiza uma sociedade. Modelos de circuitos de cultura e comunicação<sup>8</sup> têm sido propostos a fim de dar conta dos diferentes momentos e instâncias que compõem este campo, primordialmente interdisciplinar, de modo que possa comportar posições sociais e pontos de vista diversos. Como destaca Richard Johnson (2004, pp. 32 e 33) – ao propôr o seu circuito de investigação – um modelo não deve ser encarado como uma abstração ou teoria acabada, mas pelo seu valor ilustrativo, e na melhor das hipóteses servir de guia para apontar quais seriam as orientações desejáveis para abordagem, ao mesmo tempo em que deixa espaço para modificações e diferentes combinações<sup>9</sup>.

Um circuito de investigação, nestes termos, pode ser tomado como aberto, na medida em que novos elementos podem ser acrescentados e as posições, dentro dele, alteradas. Trata-se da pretensão de, ao mesmo tempo em que há uma “estrutura” para a pesquisa, garantir sua aplicação aos diferentes objetos. Assim, o que importa são menos os efeitos sociais que os Textos podem produzir, do que as formas subjetivas ou culturais que efetivam e tornam possíveis.

O texto é apenas um meio no Estudo Cultural; estritamente, talvez, trata-se de um material bruto a partir do qual certas formas (por exemplo, da narrativa, da problemática ideológica, do modo de endereçamento, da posição do sujeito, etc.) podem ser abstraídas. (JOHNSON, 2004, p. 75).

A constituição de circuitos pode então ser tomada como opção possível para apreender tanto as determinações impostas como as aberturas possíveis, distanciando a análise social daquilo que Hall (2006, p. 129) – ao rever o posicionamento de Raymond Williams – chama de materialismo vulgar e determinismo econômico. As críticas feitas tanto ao estruturalismo como ao culturalismo tornaram possível pensar novas formas de abordagens dos fenômenos sociais. Se por um lado o estruturalismo é criticado por tratar de “processos sem sujeitos”, o culturalismo conceitua um sujeito da cultura com caráter transitório e universal, um sujeito social que não é historicamente determinado, sem linguagens específicas socialmente determinadas (HALL, 2006, p. 145).

<sup>8</sup> Como os apresentados por Stuart Hall em *Codificação/Decodificação*, in: *Da Diáspora* (2006), e Richard Johnson, em *O que é, afinal, Estudos Culturais*, in: *O que é, afinal, Estudos Culturais* (2004).

<sup>9</sup> Exemplo da aplicação da premissa de Richard Johnson é o trabalho de Strelow. A autora, em sua tese de doutoramento, propõe, a partir do circuito do pesquisador inglês, a sua Análise Global de Periódicos Jornalísticos (AGPJ): “Trata-se de uma metodologia de pesquisa que permite o emprego de diferentes técnicas, desde que voltadas ao estudo da produção, do texto, da leitura e das relações sociais de um objeto específico. Compreende quatro momentos: análise sócio-histórico-cultural; análise de produção; análise de textos; análise de leituras e retornos” (STRELOW, 2007, p. 63).



A combinação de posições estruturalistas e culturalistas torna possível uma visão ampla sobre os objetos sociais e, com isso, análises que consideram as estruturas sob as quais os indivíduos e/ou grupos sociais estão colocados, mas também consideram as suas auto-determinações e, mais importante, as tensões que se criam entre o momento das determinações e aqueles em que se fixam resistências ou negociações. Trata-se de pensar a sociedade a partir de diferentes posições, antagônicas, mas não mutuamente excludentes, mas a confrontação dialética entre condições e consciência. É colocar a

questão da relação entre a lógica do pensar e a “lógica” do processo histórico [...] duradouros antagonismos, que se reforçam mutuamente, [e] não prometem uma síntese fácil. [Mas] definem o espaço e os limites dentro dos quais essa síntese poderá ser constituída. (HALL, 2003, p. 148)

As tensões devem ser consideradas no momento da análise, assim como os momentos que as constituem. O contexto sócio-histórico é um desses momentos, assim como os momentos de produção de Textos e aqueles em que se dá a recepção. Compreender as relações destes momentos implica em, primeiro, compreendê-los em suas particularidades. Isso, no entanto, não é o mesmo que dizer que eles devem ser vistos de maneira isolada. Ao contrário, eles constituem um circuito em que cada instância é por outra determinada e, ao mesmo tempo, determina a todas as outras. Trata-se de uma estrutura complexa, uma “articulação de momentos distintos e interligados” (HALL, 2003, p. 365), que somente num nível analítico é passível de ser concebida como tendo cada um dos instantes de um circuito de comunicação como distinto, o que é absolutamente diferente de compreendê-lo como auto-suficiente (p. 339).

Também Hall, ao tratar do modelo de Codificação/Decodificação (2003, p. 336), argumenta que ele vale mais pelo que sugere do que como um mapa acabado para investigação no campo da comunicação e da cultura. Ao propôr questões o modelo mapeia um terreno, abre possibilidades de abordagem, em especial por considerar a não homogeneidade tanto do momento da produção como do momento da recepção, o que pode ser estendido aos mais diferentes objetos de investigação, uma vez que, mais do que apresentar fins, o que há é meios para a abordagem da cultura na comunicação.

Com isso é possível compreender que tanto a constituição das competências próprias da produção de Textos como das competências para sua recepção são constituídas em diferentes momentos, articulados entre si. E, da mesma maneira, as



particularidades de um objeto são, em boa medida, determinantes na maneira como ele pode ser abordado numa investigação. Isso ocorre por que diferentes referências podem levar a diferentes práticas e leituras, em múltiplos movimentos. A fragmentação analítica dessa totalidade permitiria compreender o todo, mas para isso é preciso não perder de vista que os momentos apontados não são auto-suficientes, mas parte de um complexo e que somente nele cada parte tem sentido. A constituição de mapas/circuitos de pesquisa que partam dessas premissas permite a devida adequação às particularidades de um objeto, passando ao largo de reduções que podem prejudicar sua devida compreensão.

Sob essas premissas assumir e constituir um circuito de comunicação e cultura parece pertinente ao abordar uma sociedade ainda em processo de constituição em que, em função de recente e intenso movimento migratório, não há valores tradicionais a ela intrínsecos. Ao tomar como objeto para a investigação desta sociedade na sua intersecção com o campo da comunicação textos publicados em jornais, uma série de elementos precisa ser considerada: a constituição sócio-histórica; as bases culturais sobre as quais procura se assentar esta sociedade; os discursos que se institucionalizam; as práticas profissionais; as tecnologias e formatos disponíveis; e os textos produzidos. Em cada uma dessas instâncias é possível encontrar tanto elementos estruturais como espaços para a ação dos sujeitos, e é na articulação entre elas que se tornará possível a compreensão de como se dá o preenchimento das lacunas existentes no embate constituidor das relações sociais articuladas na cultura e na comunicação.

### **Mapa das mediações**

Ao traçar um mapa para investigação em comunicação pode-se assumir posicionamentos preferenciais, pelos quais é preciso apresentar diferenciações e especializações, por exemplo na organização social, nas esferas da ciência, moral, cultura, economia e política. No entanto, tais posições são superadas ao se reconhecer que há deslocamentos nestas diferenciações e não se pode admitir o olhar a partir das especializações (MARTIN-BARBERO, 2004, pp. 224-225). A consequência é a necessidade de se olhar para o quadro como um todo, sem reduzi-lo ao ponto de incorrer em visões homogeneizadoras. Novos Textos são colocados em circulação a partir dos deslocamentos levados a efeito em nossas sociedades, esta uma ação em que a comunicação tem papel preponderante, uma vez que atravessa e desterritorializa discursos.



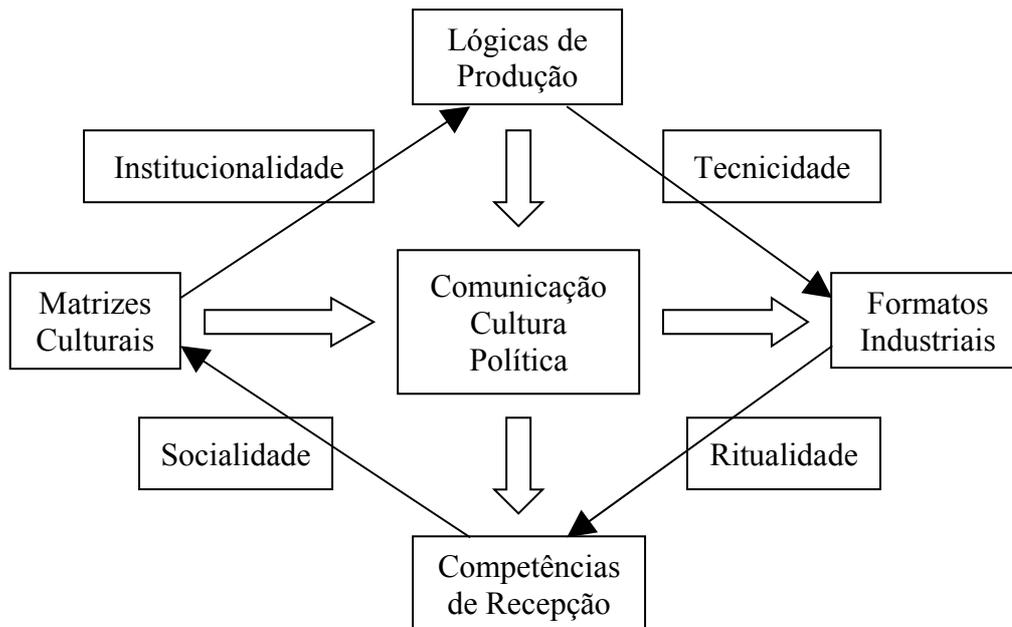
Os Textos postos em circulação na América Latina, em função de seu contexto sócio-histórico, são atravessados pelos mais diferentes significados em função da formação das populações, e a abordagem deles a partir de sua *textualidade* é fundamental para buscar compreensões sobre as estratégias assumidas pelos leitores/produtores latino-americanos. Para Martin-Barbero, pensar a comunicação na América Latina é cada vez mais uma tarefa de envergadura antropológica, uma vez que trata-se de colocar em evidência operações que trazem à discussão “estratos profundos da memória coletiva, ao mesmo tempo em que movimentam imaginários que fragmentam e des-historicizam” (2004, p. 209). Estes estratos profundos podem ser compreendidos como elementos determinantes na instituição de *intertextos* responsáveis pela apreensão de Textos e das suas formas mais subjetivas.

Ao movimentar imaginários há o deslocamento histórico, que acaba por criar novos *contextos*, des-historicizados que, por sua vez, podem legitimar os mais diferentes posicionamentos assumidos por grupos hegemônicos numa sociedade. Esta é a dinâmica que se verifica, empiricamente, no movimento migratório para a ocupação do Centro-Oeste e Norte brasileiros. Em Rondônia, ao assumir o discurso desenvolvimentista a partir da década de 1960 – o que implicou na substituição do modelo sócio-econômico – foi necessário criar novos contextos, sob a idéia de oferecer “uma terra sem homens, para homens sem terra” e “integrar para não entregar” a Amazônia<sup>10</sup>. Um novo imaginário, calcado na exploração madeireira, na agricultura e na pecuária, precisou antes deslocar a história até ali construída, para a partir de um novo *contexto*, des-historicizado, apresentar sua própria história.

As mudanças na tecnicidade e nas identidades em sociedades latino-americanas fazem com que seja necessário pensar as mediações culturais em sua complexidade de Textos e profusão de sentidos, as *textualidades* postas em circulação. Para isso Martin-Barbero propõe o mapa em que os diferentes momentos, da produção à recepção de Textos, são contemplados de forma articulada, sem que nenhum deles se sobreponha a outros, mas funcionem em conjunto. A articulação pensada tendo como objeto a América Latina, imersa no que se denomina tardomodernidade, parece-nos adequada para pensar também as articulações que se fixam na sociedade amazônica frente aos contatos entre imigrantes e populações tradicionais.

---

<sup>10</sup> Slogans da propaganda oficial para apoiar o deslocamento de trabalhadores, rurais e urbanos, para o Centro-Oeste e Norte do Brasil entre as décadas de 1960 e 1970 (OLIVEIRA, 2007, p. 122; SOUZA, 2001, p. 51).



Reprodução do Mapa proposto por Jesús Martín-Barbero (2003, pág. 16)

As Matrizes Culturais (MC) são as bases sobre as quais se assentam as práticas culturais de uma sociedade, ou grupo social. Trata-se das práticas em circulação, mas também das práticas residuais, estas remanescentes de um percurso histórico-social que transforma práticas que marcam um coletivo. As Lógicas de Produção (LP) se referem às dimensões econômicas, ideologias profissionais e rotinas produtivas; à capacidade de interpelar públicos audiências e consumidores; e aos usos das tecnicidades. Entre MC e LP está posta a mediação pela *intitucionalidade*, que remete à tomada de discurso pelo Estado, que busca dar estabilidade à ordem constituída; e seus usos pelos cidadãos, maiorias e minorias, que buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer.

Os Formatos Industriais (FI), dizem respeito aos “produtos” que são postos em circulação, referindo-se diretamente aos *discursos públicos*. Em função do contexto sócio-histórico-cultural os formatos dos discursos se alteram para conformar os interesses postos em movimento. A mediação entre LP e FI é feita pela *tecnicidade*, que remete aos suportes técnicos utilizados, mas, mais do que isso, aos operadores perceptivos apresentados por eles. É assim que se pode abordar os novos cenários surgidos desde a globalização e do uso da internet. É preciso, como frisa Martín-Barbero (2003; 2004) atentar que se trata de questionamentos acerca do novo estatuto social da técnica e não da técnica como um fim em si.

As Competências de Recepção (CR) dizem respeito aos mecanismos utilizados pelos receptores/consumidores das mensagens, postos em ação no momento de decodificar as mensagens em circulação. A mediação entre FI e CR é feita pela



*ritualidade*, que remete ao nexos simbólico que sustenta toda a comunicação, a ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas. Ainda ligada às CR está a mediação da *socialidade*, esta ligada também às MC, fechando o circuito. Esta mediação diz respeito à práxis comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos da comunicação: interpelação/constituição dos atores sociais e suas relações com o poder.

Dois outros movimentos se impõem no mapa, um diacrônico, entre MC e FI, e outro sincrônico, entre LP e CR. Nos dois casos as mediações entre estas instâncias são feitas pela tríade Comunicação, Cultura e Política. A *comunicação* é assumida como lugar estratégico para o contato entre grupos com diferentes práticas simbólicas, um “motor de desengate e inserção de culturas” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 13), e os meios de comunicação podem ser tomados como locais privilegiados para a verificação da forma de articulação entre diferentes grupos sociais. A *cultura*, nesta articulação, é tomada sem a divisão de ambientes especializados da antropologia e da sociologia. Esta divisão desaparece à medida que aumenta a especialização comunicativa do cultural pelos meios, apresentados como sistemas de “máquinas produtoras de bens simbólicos ajustados aos seus ‘públicos consumidores’” (p. 14). É a especialização comunicativa da cultura que ajusta os bens simbólicos ao público consumidor, o que acaba por obscurecer a divisão da cultura entre as visões antropológica e sociológica, e contribui para tomada de toda a vida social, antropologizada, como cultural. O âmbito da *política* tem a comunicação e a cultura como campos primordiais de batalha, uma vez que é através das práticas e de suas tomadas pelos meios que se dão as negociações em sociedade. Os meios, então, não se limitariam a traduzir as representações existentes, nem de apenas as substituir, mas passam a constituir uma cena fundamental da vida pública. E a política, uma vez que é feita através dos meios de comunicação, invade o espaço doméstico, cotidiano, toda a vida social.

[...] pensar a política a partir da comunicação significa pôr em primeiro plano os ingredientes simbólicos e imaginários presentes nos processos de formação de poder. O que leva a democratização da sociedade em direção a um trabalho na própria trama cultural e comunicativa da política. (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 15).

O esquema, concebido de forma circular, pode ser percorrido – *a priori* – em qualquer sentido, com diferentes formas de abordagens de suas instâncias. Assim, por exemplo, se a partir das MC se buscar o olhar sobre a *Socialidade*, a comunicação revela-se pela questão dos fins; por outro lado, se vista a partir da *Institucionalidade* a



comunicação é convertida em questão de meios, ou seja, da produção de discursos públicos. Em qualquer das direções, a atenção está centrada nos mediadores, estes fundamentais para compreender os significados que são apropriados na sociedade entre cada um dos momentos de produção de sentido. As mediações da *Institucionalidade*, *Tecnicidade*, *Ritualidade* e *Socialidade* dão a trama das relações em cada um dos momentos do circuito. São os mediadores socioculturais que propiciam o surgimento de novos atores e movimentos sociais, introduzem novos sentidos do social e novos usos sociais das mídias.

Este esquema busca, em última instância, abranger todos os momentos, desde a produção até o consumo dos Textos, ao mesmo tempo em que apresenta possibilidades de apreender as estratégias pelas quais se articulam as *textualidades* através dos diferentes *intertextos* possíveis. Há aqui o cruzamento entre comunicação e cultura como forma de compreender como se dão as interações em sociedade, em especial na América Latina, uma vez que abre espaço para as diferentes nuances que são apresentadas neste contexto específico.

### **Circuito de investigação**

Admitindo que há um grupo hegemônico em Rondônia, suas representações podem estar sendo apropriadas pelos meios de comunicação social como legítimas do estado, enquanto outros grupos não encontram neles espaço para suas próprias representações, sendo assim silenciados e, possivelmente, considerados subalternos. A imprensa seria um dos organismos que assumiria esta posição, corroborando com as posições de um grupo hegemônico. Ao abrir espaço para estes discursos se mostraria um espaço limitado de discussão, já que não haveria acesso de todos os grupos que compõem a sociedade, mas apenas parte dela, aquela que constitui os grupos hegemônicos.

Uma vez que a reocupação aqui é centrada na produção de textos midiáticos apenas uma parte do Mapa das Mediações é considerada, aquela em que estão presentes três momentos e as duas mediações existentes entre eles. Assim, o percurso a ser cumprido se inicia nas *Matrizes Culturais* (MC) e segue até os *Formatos Industriais* (FI), passando pelas *Lógicas de Produção* (LP). As mediações foco de atenção, fundamentais para a compreensão dos diferentes momentos do percurso e como se estabelecem, modificam e solidificam as relações entre eles, serão a *Institucionalização*,



entre MC e LP; e a *Tecnicidade*, entre as LP e os FI<sup>11</sup>. Cada momento do mapa de investigação deve ser abordado em particular, para dar conta das necessidades impostas. Assim, estratégias específicas serão adotadas, tendo a articulação e cruzamentos como os mais importantes fatores a serem considerados.

As *Matrizes Culturais* são compreendidas como as práticas residuais. Na pesquisa em andamento a noção de cultura residual é tomada de acordo com a apropriação de Martin-Barbero (2003), como uma cultura ainda vivida no cotidiano e nas representações em circulação. A busca é por identificar as raízes das práticas atuais da população de Rondônia, transformadas ou não pelo contato com outras práticas, todas colocadas em circulação no estado por grupos de imigrantes que chegaram ao longo do século XX. Para isso são usadas fontes bibliográficas, preferencialmente, sem, no entanto, descartar-se a utilização de outras fontes<sup>12</sup>.

A compreensão das *Lógicas de Produção* passa pelo questionamento de três outras instâncias: a *estrutura empresarial*, *competência comunicativa* e *competitividade tecnológica*. Por estrutura empresarial Martin-Barbero compreende as dimensões econômicas, ideologias profissionais e rotinas de produção; já a competência comunicativa é a capacidade de interpelar públicos, audiências e consumidores; enquanto a competitividade tecnológica diz respeito à próxima mediação do percurso proposto: a *tecnicidade* (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 18) Neste ponto devem ser privilegiadas a observação e a entrevista, além da pesquisa documental e bibliográfica.

A partir da mediação da *institucionalidade*, entre MC e LP, se buscará compreender a regulação de discursos, principalmente do Estado<sup>13</sup>, que acabam por ser apropriados por outras instâncias da sociedade. Por parte do Estado a busca é por dar estabilidade à ordem constituída, enquanto por parte dos cidadãos, tanto maiorias como minorias, busca-se defender direitos e fazer-se reconhecer. Nesse movimento há a legitimação dos discursos pelas instituições e, no âmbito da comunicação, passa a estar em questão a produção de discursos públicos pelos *meios*, mas cuja hegemonia encontra-se, paradoxalmente, do lado dos interesses privados. Ao mesmo tempo, para Martin-Barbero, há a busca por outras institucionalidades, que possam dar conta dos

---

<sup>11</sup> Uma vez que o interesse na pesquisa em andamento centra-se na instância da produção, a opção é por não contemplar o momento da recepção, a instância das *Competências de Recepção* (CR), e as mediações da *ritualidade* e *socialidade*.

<sup>12</sup> Fontes primárias de registros de imigração, que podem ser encontrados nos arquivos do Cetremi (Centro de Triagem e Encaminhamento do Migrante) e na Pastoral do Migrante, na Diocese de Ji-Paraná (RO). Outra possibilidade, caso haja necessidade, é recorrer a entrevistas em que os informantes sejam eles mesmos representantes das populações que se puseram em contato em Rondônia.

<sup>13</sup> Aqui se fará a diferenciação entre estado, unidade federativa, espaço geográfico, e Estado, grafado com maiúscula, como referência à instituição político/administrativa.



deslocamentos da cidadania para o âmbito da cultura e, no plano da representação, para o do *reconhecimento* instituinte. Como instrumento preferencial para analisar a institucionalização no âmbito da cultura e da comunicação, como estratégia política, podem ser usadas fontes bibliográficas, sem ser descartada a possibilidade de se recorrer a fontes documentais primárias, principalmente junto à Igreja, a escolas e outras entidades que corroborem para a institucionalização de discursos e práticas.

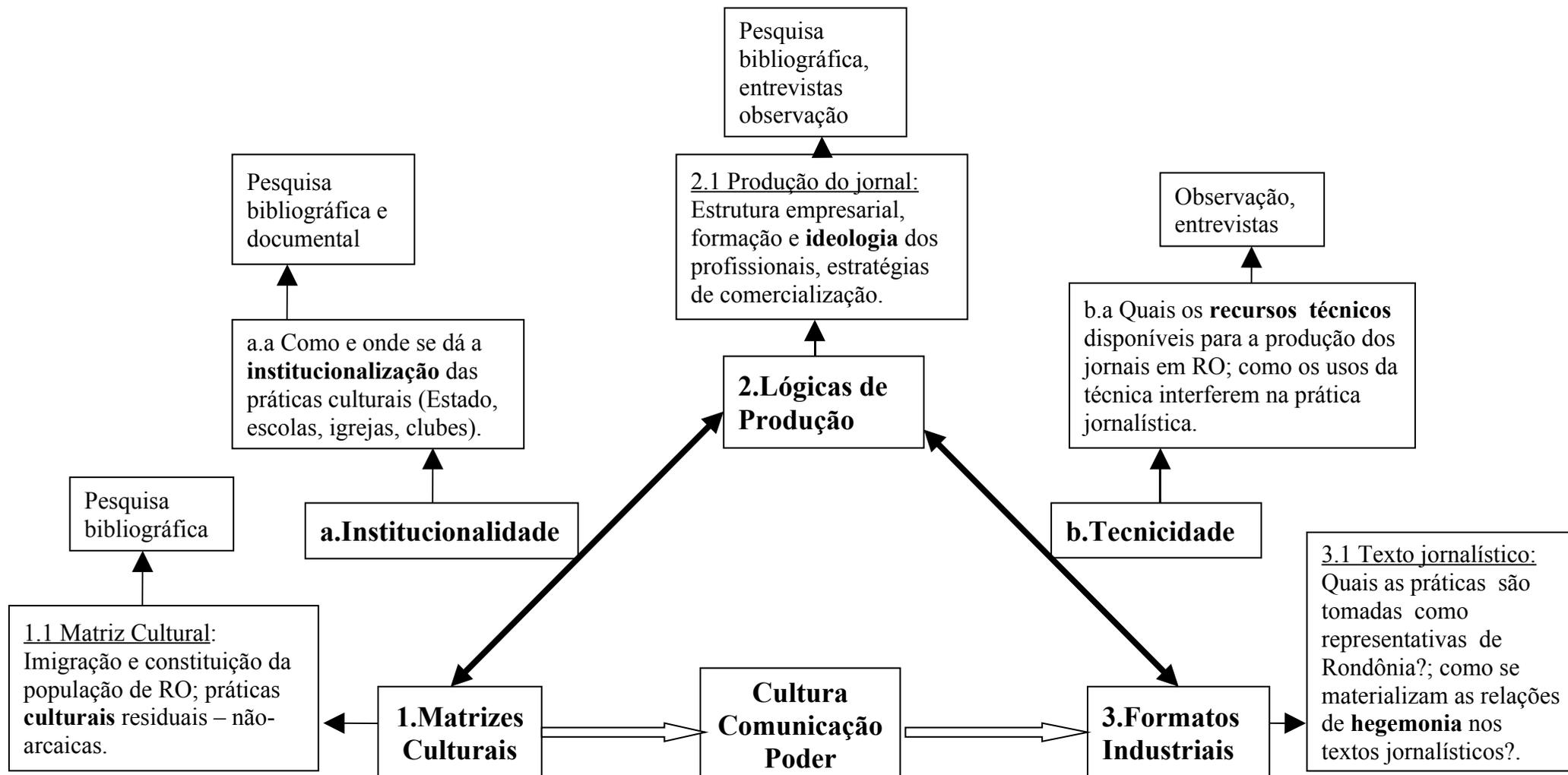
A *tecnicidade*, mediação que se estabelece entre as LP e os FI, diz respeito ao delineamento do novo cenário que procura se impôr, o da globalização, e às formas como se dá a conexão entre os diversos âmbitos da produção dos discursos dos meios. Neste ponto é fundamental ter claro que mesmo havendo a atuação clara da técnica, as questões levantadas não podem ser a ela reduzidas. Trata-se, sim, de um “novo estatuto social da técnica”, com o restabelecimento de sentidos do discurso e da *práxis* política (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 19). Então, é muito mais a maneira como são utilizados os equipamentos proporcionados pela técnica do que o acesso a eles, e para isso, a opção é, novamente a observação e entrevista com produtores e gestores dos meios de comunicação.

A terceira instância serão os *Formatos Industriais*, o que implica a análise dos textos jornalísticos a partir do *contexto* e diretamente ligados às MC e a cada um dos diferentes momentos e mediações anteriormente listadas. A busca é por elementos residuais das MC, mediados pelos outros momentos do circuito proposto, presentes nos Textos postos em circulação e que, ao mesmo, tempo, em sua *intertextualidade*, possam ser tomados pelos produtores deste discurso como representantes do estado.

A conclusão do circuito proposto remete diretamente ao seu início, pela relação diacrônica existente entre as MC e os FI. Martin-Barbero aponta que as relações entre Matrizes Culturais e Formatos Industriais remetem à história e às mudanças nas articulações entre movimentos sociais e discursos públicos e, “destes com os modos de produção do público que agenciam as formas hegemônicas de comunicação coletiva” (2003, p. 16). Tal movimento permite deixar de lado um certo maniqueísmo estrutural e pensar as relações e as tramas que se formam entre discursos hegemônicos e subalternos, sobre o pano fundo das especificidades históricas.



### Mapa de pesquisa\*



\*A síntese da proposição desta pesquisa foi formulada a partir do diagrama de FELLIPI (2007, p. 36)



### **A título de conclusão**

As considerações que podem ser feitas aqui tratam muito mais de manter abertas possibilidades de pesquisa a partir da adoção de um mapa de investigação do que apresentação de certezas. Fica o apontamento de possibilidades, mais do que conclusões, a necessidade em buscar respostas que atendam às questões que são levantadas na investigação sobre as negociações, e conflitos, decorrentes das migrações internas ocorridas no Brasil na segunda metade do século XX, em especial aquelas que desenharam uma extensa fronteira simbólica às bordas da Amazônia.

O mapa desenhado acima é mais um instrumento de uma investigação que busca atender às necessidades de um objeto e de um questionamento determinados. Mas, ao mesmo tempo, pode servir de guia para a busca por outras respostas. As nuances que se postam diante do investigador no campo da comunicação são variadas e, por isso mesmo, deve ser também variada a gama de possibilidades de investigação. Sobre o contexto de imigração em Rondônia, e das movimentações populacionais que ainda ocorrem em toda a Amazônia, é importante ter a clareza de que as mudanças acontecem rápido, novas práticas culturais e, conseqüentemente, novas identificações surgem, se misturam, hibridizam-se. Trata-se de um contexto em que diferentes complexos culturais são postos em contato e isso leva a influências profundas de uns sobre os outros.

Em Rondônia, com o contato entre as populações tradicionais e colonos imigrantes, surgem antagonismos, mas também trocas e apropriações. São maneiras diversas de identificações que são postas frente a frente, em condições que levam à integração, a concessões que conduzam à possibilidade de manter a convivência no mesmo espaço.

A contribuição da proposta de um mapa de investigação é colocar em evidência estas nuances e posições, para que os contextos em que se inserem as práticas no campo da comunicação, e do jornalismo em particular, não sejam perdidas de vista. Assumir tais premissas é fundamental, uma vez que conhecer e buscar compreender as posições e demandas se impõe para que a nova gente que surge a partir dos contatos às bordas da Amazônia possa reconhecer a si mesma.

### **Referências bibliográficas**

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da Modernidade. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.



COULDRY, Nick. *Inside Culture – Re-imagining the method of cultural studies*. London: Sage, 2000.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografia dos Estudos Culturais – Um versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FILIPPI, Ângela Cristina Trevisan. *Jornalismo e Identidade Cultural – Construção da Identidade Gaúcha em Zero Hora*. Tese de doutorado – Comunicação Social. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Couto. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. *Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006

JOHNSON, Richard. *O que é, afinal, Estudos Culturais*, in *O que é, afinal, Estudos Culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações – Comunicação, Cultura e Hegemonia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. *Desenvolvimento e Colonização do Estado de Rondônia*. 6ª ed. Porto Velho: Dinâmica, 2007.

SOUZA, Carla Monteiro de. *Gaúchos em Roraima*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. *Análise Global de Periódicos Jornalísticos (AGPJ): uma proposta metodológica para o estudo do jornalismo impresso*. Tese de doutorado – Comunicação Social. Porto Alegre: PUCRS, 2007.